

ERA NOVA

PARAHYBA DO NORTE

16 DE AGOSTO DE 1922



ANNO II

Mlle. MARIETTA CUNHA

NUM. 32

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

SUMMARIO

- I** — Pratos do dia — *José Americo de Almeida*
II — Reminiscencia — *Ney Ferruz*
III — *Maria da Gloria*
IV — Notas elegantes — *Botões de laranja* — *Flavio Doria*
V — Biró — *Gastão Cruls*
VI — Cartas de mulher — *Viôlta*
VII — Impressões de momento — *Castro Pinto*
VIII — Espirito de sogra — *Francisco Mangabeira Albernaz*
IX — *Reflexões de uma cabra* — *Debora Monteiro*
X — Vida de imprensa — *Abel da Silva*
XI — A marreca (versos) — *J. Barreto*
XII — Espinhos e rosas (versos) — *J. Barreto*
XIII — O futuro vice-presidente da Republica — *Oscar Walter*
XIV — Livros & Revistas
XV — Pelo mundo dos Desportos
XVI — Envelhecer (versos) — *Humberto Campos*
XVII — Portugal-Brasil — *Francisco Falcão*

ASSIGNATURAS

Capital	Anno - - - - -	14\$000	Interior	Anno - - - - -	18\$000
	Semestre - - - - -	7\$000		Semestre - - - - -	10\$000
	Numero avulso - - - - -	\$600		Não ha venda avulsa	

Numero atrazado 1\$000 • AVENIDA GENERAL OSORIO • Pagamento adiantado

"Vender barato, para vender muito"

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

DA

SERRARIA NAVARRO

F. Navarro & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE


ERA NOVA

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade



**Especialistas das afamadas
marcas de cigarro:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal, 18, Isla, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perólas Fines, Morenos, Palha, Cortiça, Hilda, Commercias, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente Wilson, Peritos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena, Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarrinhos Bahianos, Electra, Brazil Club, Mariette, Vencido Melva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimosos, Victoriosos, High-Life, Daniel, Delicados, Estrella, Orion, Cirenlares, Mascotte, Fidalgos, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras innumeras marcas. — Fabricados com fumos de primeira qualidade.

Mantêm sempre grande stock de charutos dos melhores fabricantes da Bahia, e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.



TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS 340 OPERARIOS

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BECO DO ROSARIO, 119.

SA' LEITÃO & C.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65—RUA M. PINHEIRO—65

PARAHYBA DO NORTE

End. Telegraph.: **BALISA**

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionaes e estrangeiras

End. Telegr. — **ALZIRA**. — — — Caixa Postal, 98. — — — Telephone n. 263.

91 — Rua Maciel Pinheiro — 91. ★ **PARAHYBA DO NORTE.**

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — **RIBEIRO**

Endereço Telegraphico — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VIXEOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerozene, Arame tarpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Refinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filias em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 16.—Praças Santos Dumont e 15 de Novembro.

ERANOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ANNO II

Parahyba, 15 de agosto de 1922.

NUM. 32

SOCIEDADE ANONYMA - OFFICINAS GRAPHICAS DA "IMPRESA OFFICIAL"

Directores: Severino de Lucena e
S. Guimarães Sobrinho

* Secretario Epitácio Vidal

* Director-commercial - Edgar Dantas
Director-la-halte - Mardokén Nacra

PRATOS DO DIA

O verdadeiro prato do dia é a nota de es-
malado. Recommenda-se por uma culinaria
omplicada, cujos condimentos variam entre a
imenta e as substancias corrosivas. A prepa-
ção não demanda nenhum engenho: basta
massar em fel ou em materia menos digna
extratos inferiores da linguagem. A colhei-
tanto pôde ser feita nos lexicos, como nas
furfas da condição humana.

Custa com réis. E' barato. Perdão! é cari-
no, porque deveria valer apenas o azinhavre
e moedas...

O appetite depravado de certas indoles des-
ridosas e bisbilhoteiras afocinha, gulosamen-
te, essa iguaria toxica.

E' a primeira refeição do dia. E' quasi sem-
pre devorada em jejum natural. E, ao invés
de arruicar, incoercivelmente, as visceras e
as jadas do leitor, produz efeitos appetitivos...

...ucos advertem em que, com essa maligna
doz, estão tragando, aos bocados, a honra
sociedade em que vivem, retalhada em ra-
s sensacionais...

Essa maledicencia aggressiva e licenciosa de-
me a moralidade publica e representa o meio
no um valhaçouto de crimes e de vicios.

O pelourinho embotou a sensibilidade da
a e revestiu os homens da casca grossa de
cynismo que não se dóe dos mais atrozes
abulos.

E' a coacção da publicidade. Individuos que
ellem, bravamente, a mais leve assacaçõilha
viva voz acovardam-se perante o sacrificio
propria dignidade, em letra de fôrma, como
sta humilhação não fôsse muito mais vexa-
a, por sua notoriedade. E sabem que a
ça desagrava de calumnias e injurias!

Ainda bem que a lei de imprensa procura
açalmar a cuiçalha que rabeia, ignaramente,
nessas esferas da intelligencia e proscresver a
literatura purulenta que tem sido o maior in-
dibrio da nacionalidade.

Essa gente que não discute - descompõe,
que não doutrina - perverte, que se arma de
vilipendios ficará, pe a privação desses pro-
cessos, reduzida a uma condição de serpente
a que se extrae o veneno.

Permanecerá, para as vibrações do talento,
a nobreza do pamphileto, cuja vehemencia vic-
toriosa se apruma na força da logica e na
pontaria das apostrophes.

O pasquim - essa miseria sem nervos, que se
municia de palavras inflamantes, á mingua dos
valentes recursos da polemica, vae desacoitar-
se do anonymato para a sanção penal.

Mas... não era desse prato repulsivo que
eu queria occupar-me. Minha penna perde den-
tro dessa ulcera do nosso organismo social a
serenidade que lhe impoem para a fôrma li-
teraria. Demais, não me seduzem os ventidos
figurados. Quero discorrer de pratos propria-
mente ditos, sem autoridade de gastronomico
e sem temperos de estilo.

O assumpto talvez não seja de agrado das
cabeças, mas - é o que mais importa - deve in-
teressar um pouco aos estomagos. Essa pre-
ferencia encarece o seu valor num país de he-
gemonia visceral. Se todos os escriptores tives-
sem esta preocupação, suas obras seriam...
devoradas.

Urbano Duarte deixou uma pagina de hu-
moristica observação sobre o prato dos dias dif-
ficéis - os ovos. E' a salvação em casos de vi-
sitas inesperadas, numa variedade de fôrmas

que enche a mesa e as paucas. As mulheres
como boas cozinheiras, ou *vice-versa*, têm essa
habilidade de apresentar as mesmas coisas sob
aspectos diversos.

Se a surpresa não é das mais prementes, os
ovos vêm acompanhados da gallinha, por sua
obrigatoriedade transformada em frango nos
cardapios.

A igreja leva em grande conta os pratos do
dia. Ora é carne, ora é peixe. Tem, ás vezes,
a boa intenção de excluir tudo, com uma pe-
niencia chamada jejum que, a falar verdade,
não chega a dar a sensação da fome e, antes,
é um pretexto para succulentos jantares e gor-
das concaças.

A abstinencia tem o unico effeito de exag-
tar a tentação das coisas prohibidas. Imagino
com que boca cheia d'agua os mahometanos
olham (não digo que olhem com a boca...) o
toucinho. Talvez Adão não houvesse comido
a fruta vedada, se Deus não lh'a tivesse pro-
cripto.

E estou, novamente, extraviado do assum-
pto!...

As festas populares vão perdendo seu cunho
tradicional. Não vale mais a pena ir ao inte-
rior do Estado em dias que, antes, nos libera-
lizavam uma impressão de vida desartificiosa
e alegre. A noite de S. João decorre somno-
lentamente sem a graciosa ingenuidade de seus
antigos folguedos. A missa do gallo não ins-
pira mais aos poetas e as proprias lpinhas já
não encontram pastoras. O carnaval das al-
deias civiliza-se...

A tendencia para a imitação dos meios de
maior cultura social vae despojando esses lo-
gares de seu caracter nãcio e criando...

mes de artemedo, incompatíveis? ainda com o estado de espirito das populações.

Só o appetite é conservador. Tudo se desnatura e passa, mas ficaram os pratos do dia.

As festas são commemoradas apenas pelos estomagos. Só as mesas mantêm a tradição.

A cultura do milho obedece a uma regra a que parece subordinarem-se as próprias chuvas: a congicada de S. João.

Nunca houve sêca que estiolasse a graminca, à ponto de faltar, nesse dia, ao rico ou ao pobre o dourado manjar.

Não se dispensa, igualmente, nessa noite o bolo do nome do santo.

O porco é cevado desde o principio do anno, para o Natal. Quem não comesse os pastéis de carne depois da missa ficaria em pe-

cado mortal para com o menino Jesus . . .

O francês não transige, por seu turno, com a perua ou o pato do *réveillon*.

E para essa época tambem que o commercio importa passas e ligos sêcos. Parece que fóra desse tempo não teriam o mesmo sabor.

Essa é a provisão da vespera. O dia não transcorre, nas fazendas, sem a *mãe de vaca* ou *panellada*. Morre o boi ou o carneiro da bi-haria do presepio que, talvez por terem assistido, por seus antepassados, ao divino nascimento, contribuem, desse grito, para a commemoração.

Talvez algum abelhudo tentasse explicar esse costume como uma reminiscencia do paganismo . . . Mas os israelitas tambem immoiamam

o cordeiro pascal em memoria da passagem do mar vermelho.

O que predomina nos nossos habitos é a religião do . . . estomago. Deixemos de historias! . . .

O deus Momo gosta de filhó. Um carnaval sem esse bolinho não teria graça . . .

Desappareceram as hexigas, a laranjinha, os banhos ao pé da jarra . . . mas o filhó ficou.

O dia de anno bom é, supersticiosamente, abundante de pratos, para que se vá até o fim de *barriga cheia* . . .

Só o estomago não varia . . .

E com que insipidez apresento este *prato do dia* . . .

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

REMINISCENCIA

Guardo inolvidavel recordação da Parahyba.

Chegado que fui á Felippé—cerca de novembro de 1900—recolheram-me ao Seminario de férias da Serra da Raiz. Allí me correu a vida, bucolicamente, entre multa prece, cheio de incenso, sons de harmonio e uma disciplina um tanto ferrea.

O mysticismo imperava sobre tudo. Era reitor, nesta época, o então conego Joaquim de Almeida, disciplinador insuperavel, que elevou o Seminario da Parahyba a um dos melhores educandários do norte do Brasil.

Terminada as férias, regressámos ao velho convento de São Francisco, onde funcionava o Seminario lectivo. Na nossa passagem por Guarabita, encontrei-me com José Americo de Almeida, que, destinado a se juntar a seu irmão—padre Ignacio de Almeida, que, ao tempo, fazia um bello curso no conceituado estabelecimento, vinha, tambem, iniciar os seus estudos secundários.

Ou porque fossemos da mesma idade e curássemos a mesma série, ou porque se tornasse irresistivel a sympathia que irradiava de José de Almeida, prendi-me a elle por uma camaradagem que nos trazia sempre juntos, a trocar idéas, e que, ainda hoje, nos liga, a despeito de longa separação.

Logo, ás primeiras aulas, colheu a laurea da distincção entre os seus pares. Ninguem o podia equalar, apesar de conter a turma fortes intelligencias. Versou, quase sem emulos, a maioria das materias, que compunham o curso de preparatorios.

Notei-lhe uma certa idiosyncrasy pelas mathematicas.

Foi nosso condiscipulo,—creio que ao estudarmos o segundo anno,—Leão Fernandes—bella organização intellectual. A sua intelligencia de muitas facetas expedia raios luminosos de todas ellas. A este não superou José de Almeida, mas, tambem não lhe ficou atraz, ape-

sar de ser este menino e aquelle homem feito. Exemplar alumno de francez, José de Almeida traduzia versos á maneira de Fagundes Varella, quando estudante: rimando-os. Sempre o primeiro alumno de historia e geographia. Conhecia bem o latim.

Versejador incorrigivel, não obstante a mais formal opposição do reitor a este innocente despoito, Miopo ainda mais do que eu proprio, era sempre sorprendido em colloquio com as musas. Nunca lhe valeram os cuidados que tomava para se furtar aos olhares inquisidores dos prefeitos. Pegado em flagrante, lá se ia o poeta á reitoria receber uma forte reprimenda para, pouco depois, reincidir no *hediondo crime*. Terminada a nossa terceira série, José de Almeida, que fóra feriar com a familia, não mais voltou ao Seminario. No começo do anno seguinte concluiu os preparatorios e seguiu para o Recife, a fim de matricular-se no primeiro anno do curso juridico na Faculdade daquella capital.

Dois annos depois abandonei, por minha vez, a Parahyba, onde deixei uma consideravel porção do meu coração, ou, melhor, fiz delle uma custodia, onde tenho, de par com a heroica terra de Vidal de Negreiros, uma vestal que, com mão carinhosa, alimenta o logosagrado do grande amor que lhe tenho. Amigo extremoso, era natural que procurasse acompanhar os surtos da bella terra de praias alvinhentes e do Cabo Branco; e digo orgulhado que a Parahyba progride em todos os sentidos: em progresso firme, franco, seguro, ascendente! Aquelle sólo que foi theatro alternativo de victoria e de derrota de holandezes, portuguezes, indios e africanos, que, serenadas as lutas portentosas, se baralharam, se unificaram, para, se cruzando, darem esta mistura de frutos optimos, que ahí tendes; hoje é por elles, sabiamente, arroteada, coberta de trilhões de ferro, que conduzem locomotivas e

de estradas de rodagem, que aligeiram as distancias. E não ficaram os parahybanos no progresso material. Como todos os latinos, cuidaram mais do espirito, que aprimoram sensivelmente. Faz gosto se ver, ao lado da velha guarda, composta de Epitacio Pessoa, João Pequeno, Castro Pinto, talvez a mais vasta organização intellectual dentre os antigos, e Carlos Dias Fernandes, admiravel polygrapho, que preside o evoluir intellectual da nova geração; uma phalange brava, como que a disputar a supremacia das letras parahybenzes. Cultivam-se, com vantagem, todas as provincias da literatura: da philosophia á chronica ligeira; da historia á novella; dos poemas aos contos; tudo mais com um encanto, com uma profunda dignos do mais merecido loquor. Não podendo citar todos que se abrihantam, escolho o que me parece n'ais representativo: um dos que mais culminam—José Americo de Almeida. Elle resume, com desusado brilho, a intellectualidade moça da Parahyba. Quem não se sentirá satisfeito ao ler uma das brilhantes chronicas com que, assiduamente, enfeita as paginas da «Era Nova», uma das melhores revistas que se editam no Brasil. Allí tudo é um tecido de ouro fino, que deslumbra e que seduz. O seu autor, artista raro, poupa-se no artificio de palavras excusadas para, com um sainete atlico, escolher o que ha de puro e preciso em vocabulos, para vestir as suas sedutoras idéas.

Desejava erguer, deste meu recanto muito amado, á Parahyba e aos parahybanos uma saudação, cuja leitura correspondesse á minha amisade, mas, pobre de mim! quão longe está o meu grande affecto da minha humilde intelligencia!

NEY FERRAZ

N. R.—O dr. Ney Ferraz é membro dos mais selectos da Academia de Letras de Piauhy e conceituado escriptor e jornalista piauhyense.

"MARIA DA GLORIA"

Sob a epigrapha acima, circulou nesta capital, a 1.ª do cadente mez, a annunciada novella de auctoria do dr. Alcides Bezerra, nosso prezado collaborador e director da Instrução Publica do Estado.

Esse romancete a que nos referimos era esperado com certo interesse nas rodas literarias da Parahyba, dado o conceito elevado tido pelo seu auctor em o nosso meio intellectual.

Além do mais, as qualidades de romancista do dr. Alcides Bezerra e os pendores para esse



DR. ALCIDES BEZERRA

genero de litteratura pelo mesmo revelados eram completamente desconhecidos do nosso publico leitor.

"Maria da Gloria" desenvolve um thema não inédito, mas que, entretanto, apresenta uma leitura nova no traçar as psychologias dos seus personagens mais evidentes e narrar os factos precipuos da vida sertaneja.

O enredo dessa novella desenrola-se nos carneys parahybanos, o qual é animado da descripção de scenas empolgantes, pela sua justidão e heroismo, que se observam communmente nessas regiões.

Merecem especial menção nesse trabalho do dr. Alcides Bezerra as figuras de Glorinha e Raul, que são, incontestavelmente as personagens culminantes de "Maria da Gloria".

A 1.ª edição d'A Novella já foi divulgada em diversos pontos do paiz, esperando-se que a critica se manifeste a respeito dizendo justamente o que é a obra do novellista conterraneo.

NESTES BREVES DIAS

"FULÔREIOS"

Versus de matuto Par M. Haere

Concurso de Belleza

Conforme annunciámos no numero anterior desta revista, realizar-se-á no dia 20 do corrente, em o nosso gabinete redaccional, a convocação dos membros do *Jury do Concurso de Belleza*.

O fim dessa reunião é escolher a patricia que reúna em si todos os requisitos de belleza imprescindiveis a torna-la a eleita do Estado no certame empreendido pela *Era Nova*.

O *Jury do Concurso de Belleza*, de que fazem parte pessoas do mais elevado conceito e destaque na sociedade parahybana, será presidido pelo illustre dr. Joaquim Pessoa Cavalcante de Albuquerque, deputado estadual e delegado da *Exposição do Centenario* na Parahyba, o qual concorreu efficazmente com o seu prestigio e reconhecida operosidade em prol da effectivação do concurso que realizámos.

A reunião do *Jury* pôde ser assistida por quem quer que seja, desde que não interrompa os trabalhos do mesmo, devendo após a sagração da mais bella parahybana ser organizado um programma de festas pelo referido *Jury* em homenagem á eleita.

Realizada que seja a convocação do *Jury*, damos por concluido o certame de belleza, que esta revista encetou sob os melhores auspicios e que, certamente, verá corôado do mais franco exito no proximo dia vinte de agosto corrente.

Periodos da vida

Infancia, de 1 a 7 annos; é a idade das quedas e outros pequenos desastres, necessidades e sensibilidades.

Adolescencia, de 8 a 14; idade de esperanca, imprevidencia, curiosidade e impaciencia.

Puberdade, de 22 a 28; idade de prazer, de amor, de sensibilidade, de inconstancia e de enthusiasmo.

Virilidade, de 29 a 35; idade em que se goza, de ambição e de fogo em todas as paixões.

Meia idade, de 38 a 42; idade de consistencia, desejo de fortuna, de glorias e de honras.

Idade madura, de 43 a 49; idade de possessão, reinado da prudencia, razão e amor da propriedade.

Declinação da vida, de 50 a 56; idade de reflexão, amor da tranquillidade, previdencia e prudencia.

Principio da velhice, de 67 a 99; idade de

arrependimentos, cuidados, inquietações, mau genio e vontade de dominar em tudo.

Velhice, de 64 a 70; enfermidades, exigencias, amor de auctoridade e submissão em certos momentos.

Decrepitude, de 71 a 78; idade de avareza, de zelos e de inveja.

Idade caduca, de 78 a 84; idade de desconfiança, de falta de sentimentos e de suspeitas.

Idade de favor, de 85 a 91; insensibilidade, amor de adulação e em que se inspira consideração e indulgencia.

Idade de milagre, de 92 a 98; é-se indifferente a tudo, menos ao sentimento de amor proprio, lisongeador com a vida de haver vivido tanto.

Phenomeno, de 99 a 105; idade de insensibilidade, de esperanca e em que se não pensa senão na vida atorna. Por M. Haere

NOTAS ELEGANTES

Botões de laranjeira

(Affectuosamente ao Sr. Jerônimo de Lucena)

«Coração que mais queres?
«Passam as estações e passam as mulheres
«E eu tenho amado tanto! e não conheço o
[Amor!]

O. Bilac

— «Não me queiras mal...»

— «Eu?! jamais...» E, no ultimo estertor da paixão sufocada, teve elle alento para beijar-lhe, subitamente, a nuca branca que emergia, formosa, do vestido negro. Afastou-se.

Gottas d'agua cahiam e o arvoredo sacudido pelo vento annunciava tempestade. Interrompido pelo rodar dos carros que se recolhiam cautelosos, com grandes lampadas vermelhas clareando a estrada escura e larga, elle retornava da ultima entrevista onde jogara o seu destino. O seu coração soluçava transido de dor.

— «Eu?! jamais...» Porque dissera aquilo? Porque mentira a su'alma? Deveria ter murmurado: Eternamente. E porque não o fizêra? Agora, ficava-lhe n'alma o espirito do odio e da sandade perfurando-lhe o coração. E lembrava-se de ter lido em Rabindranat:

«O prazer é fragil como uma gotta de orvalho; enquanto sorri, morre. Mas a dor é forte e duravel». Voltou-se.

Apenas distinguia, atravez da folhagem densa, a fachada azul da «Casa dos Loucos» que uma lampada clareava. A chuva cahia fina e gelida, e o vento soprava impetuoso, zarrancando-lhe do cigarro scintelhas douradas.

Estava tudo terminado; não mais poderia pessiua; e a su'alma tristonha entoava um desesperado requiem... Entregára-lhe toda correspondencia, e, até, aquelles botões virginaes de laranjeira que lhe traziam, muita vez, enternecidas lembranças, e a visia dos quaes, durante o seu affastamento de longos mezes, o seu amor renascia, como por encanto, mais esperançoso e voraz!...

Um relampago navalhando a treva, sepultou as suas meditações.

Esqueçêra. Hontem, o carteiro trouxe-lhe uma carta, laconica e sem assignatura, acompanhada de muitas violetas:

— «Tenho pensado somente em ti. Estou nervosa. Não posso esquecer-te... perdôa-me».

Quem lhe escrevia daquela maneira, como encontrar aquella incognita? Ficou ligeiramente perturbado. Passados alguns instantes, acalmou-se.

Encontrara o enigma! Brancos jasmims ou rózas violetas denunciavam a complicitade das mãos que os colheram...

E, calmamente, pegando numa folha de papel, escreveu, sem assignar, os trechos sublimes do artista:

«Meu coração é um tumulto cavado
A tua ingratidão é lapide que o fecha...»

FLAVIO DORIA

ANNIVERSARIOS:

Fez annos ante-hontem a graciosa menina Diana Augusta, filhinha do professor Abel da Silva, nosso prezado collaborador e intellectual parahybano.



A graciosa DIANA AUGUSTA

Ocorrerá a vinte do fluente o anniversario natalicio do illustre dr. Joaquim Pessoa C. de Albuquerque, membro proeminente da Assembléa Legislativa do Estado e Delegado da Ex-BREX DELEGADOS... posição do Centenario na Parahyba.

Ao digno anniversariante, que será por este auspicioso acontecimento muitissimo felicitado, *Era Nova* antecipa os seus parabens effusivos e sinceros.

No mesmo dia... de B. Lyra, chefe da importante firma desta praça Britto Lyra & Co. e sub-prefeito da capital.

Transcorrerá no dia 22 do corrente a epheméride natalicia do exmo. desembargador Caldas Brandão, integro juiz seccional neste Estado e figura das mais destacadas em o nosso mcio.

LEOPOLDO PÉRES - Anniversariou-se a 9 de feo o nosso querido e brilhante collaborador dr. Leopoldo Péres, prestigioso homem de letras do Amazonas e uma das mais fortes organizações de artista da nova geração do Brasil.

Era Nova, que tem no mais alto apreço o magnifico critico d'arte *d'A Bondade da Trinta*, envia-lhe o abraço de felicitações.

S. GUILMARÊS SOBRINHO:—Em villegiatura, encontra-se ha dias em Bananeiras, acompanhado de sua exma. consorte, o sr. S. Guilmarês Sobrinho, um dos directores desta revista e nome acatado no microcosmo intellectual de nossa terra.

O prezado amigo e collega demorar-se-á ainda algum tempo naquella cidade serrana, devendo regressar ao centro de suas actividades no proximo mez de setembro.

Com a prendada senhorita Nersina Gomes, filha do cel. Lucas Gomes de Lacerda, funcionario publico em Cabaceiras, acaba de contractar casamento o sr. Francisco Pereira Dadá, commerciante na mesma localidade e nosso prestimco amigo.

CEL. BARONICO BARBOSA DE LUCENA—Vindo de Borborema, onde goza de grande prestigio e estima geral, esteve nesta cidade o nosso distincto amigo cel. Barocio Barbosa de Lucena.

DR. MARQUES DE AZEVEDO—Estive nesta capital, a serviço das commissões federaes contra as sêccas em Bananeiras, das quaes é engenheiro-chefe mui competente e criterioso, o nosso prezado amigo dr. Marques de Azevedo, que nos deu o prazer de sua visita pessoal.

MULHERES COM FARTURA

Dizem de Berlim que cerca de quinze milhões de mulheres na Europa estão condemnadas a ficar solteiras. O problema do excedente das mulheres tomou uma extraordinaria equidade depois da guerra.

Antes da guerra havia na Alemanha mais oitocentas e cincoenta mil mulheres do que homens; agora ha mais dois milhões e meio. Na Austria ha mais meio milhão. Na Russia, onde havia mais setecentas mulheres, ha agora mais quatro milhões e na Italia onde havia quinhentas mil, ha agora mais de um milão. Nos Estados Balkanicos o numero de mulheres excede em 10 por cento o dos homens. Seguir um marido?

BIRÓ

PARA CARLOS DIAS FERNANDES

Hoje hoje a sua colaboração com o conto BIRÓ, na ERA NOVA, o brilhante escriptor mundial e illustre facultativo dr. Gastão Cruls, autor de A CURVA.

E denunciar e honrar para todos e ás da publicidade nas columnas desta revista os trabalhos litterarios do fulgido chronicista e contista paulistano.

Eu já attendera a uns tantos clientes e, com migração, aguardava que o creado fizesse entrar mais algum, quando irrompeu pela porta do meu consultorio o Luciano de Lima, velho companheiro da meninice e que eu já não via ha mais de dez annos.

Você? Mas que alegria! Como foi isso?

—Cheguei hoje mesmo, pelo «Paris», e ha de logo de saber como se poderia causar esta surpresa, disse-me Luciano, enquanto nos de-

bracamos num grande abraço, seguido logo de uma chuva de perguntas com que cada qual procurava conhecer um pouco da vida do outro, depois de uma longa separação.

Nos haviamos feito juntos o curso de preparatorio, no internato do Gymnasio, e iamos fazer os estudos superiores, elle na Faculdade de Direito e eu na de Medicina, quando Luciano, por morte do pae, foi chamado urgentemente ao Norte, a fim de juntar-se á familia.

Mais tarde, por carta, soube elle decidira estabelecer-se no Recife, pois que, assim, estava mais proximo dos seus e, no minimo, duas vezes por anno, com maior facilidade, poderia chegar até a fazenda, no sertão paraybano, onde a mãe e as irmãs ficavam residindo.

Noticias ultteriores, que se espaçavam cada vez mais, deram-me conta da sua formatura e, depois, do seu casamento de que, aliás, só tive uma participação impressa, como impressas foram tambem as outras que se seguiram, annunciando-me o nascimento dos filhos.

Enquanto isso, eu me formava aqui e seguia para a Europa, onde andei a fazer os meus cursos de especialidade para transformar-me no dessaborido oculista que sou hoje, todo lhos para os olhos doentes, tal como Luciano me veio encontrar, armado do horrivel escello frontal.

Explicadas as razões da sua vinda ao Rio o meu amigo falou-me que desejava aproveitar a oportunidade para ouvir a opiniao de algum bom medico a respeito da sua senhora, que estava sempre a se queixar de uma coisa ou outra, e pediu-me que lhe indicasse o nome de qualquer collega da minha confiança.

—Você pôde levá-la ao Manuel Ferraz, que ha a vantagem de já ser tambem seu conhe-

—O Néco Ferraz, aquelle que foi nosso collega no Gymnasio?

—Esse mesmo. Espanta-se?

—Oh, mas é impossivel! Então aquelle bobinho sempre deu para alguma cousa?

—Como não! Está com um nome feito e só não é professor da Faculdade porque o concurso em que entrou foi um verdadeiro pareo de perde-ganha. Tambem se fossemos ajuizar do futuro de alguem pelas aptidões demonstradas no tempo do collegio. Em compensação, como reverso da medalha, temos ahí o Raymundo de Barros, que vivia no «banco de honra», e, até hoje, nunca prande passar de candidato de armador.

trou logo a fazer um fragoio doido: «Mãe! Viva! Olhe o meu boneco».

Vinha, de facto, radiante o Benedicto, com a compra que lhe fizera o pae, nuina das baracas da feira, de um pequeno boneco de celuloide, que mexia os braços e tinha um corpinho roseo e roliço como elle nunca vira igual nas horribes bruxas de panno com que a irmã costumava brincar.

Tambem, dali por diante era um custo vê-lo separado do novo companheiro que, logo no dia seguinte, tanto elle: alcastruzara a mãe, já estava tambem enfiado numa camisola de chita, a mesma superioridade que a Malvina, roida de despois, mas para lhe fazer móssa, pudera



NO ALTO SERTÃO

Um prestito catholico na povoação Patos, de Princeza

—Qual! Mas é mais forte do que eu e, por mais que queira, nunca poderei ver no Néco um medico capaz de me inspirar confiança. Para mim elle foi e ha de ser sempre Biró.

—Biró? disse eu surpreso.

—Sim, Biró.

E Luciano contou-me, então, a seguinte historia, occorrida lá pelos seus mundos.

Era por fins de janeiro e já estava a escurecer quando, uma tarde, o Joaquim Calumbi esbarron o cavallo á porta de casa, voltando da feira de Patos, onde pela primeira vez levava o filho caçula, um caboclinho treloso, de olhos aboticados que, per manhazinha, na hora da partida, se lhe agarrrara ás pernas, querendo por força acompanhá-lo.

A' dianteira do pae encarapitados ambos sobre os surrões prethes de mantimentos e que mal deixavam ver a cabeça.

apontar nos seus monstrenços, que todos, bem ou mal, andavam vestidos.

Graças á facilidade com que as creanças dão nome ás cousas, sem consultar ninguem, Benedicto chamou Biró o seu boneco, talvez por abreviação dos birorós de que tanto gostava, talvez ainda na lembrança de certo novilho espantadiço que, de uma feita, quando já na maromba e em marcha para o rodeio, se damnara no mundo, obrigando o Joaquim Calumbi a muitas arremetidas contra os capoeirões trançados de espinho, até que o pudessem pegar de geito para uma queda de rabo. Fôra mesmo um furdunço quando o vaqueiro, victorioso nesse serviço de gancho e muito lampeiro no seu flexa rutilho, entrara no curral da fazenda, tangendo Biró enoniztho.

ERA NOVA

dito, que só se entretinha agora com o novo brinquedo e já não se recordava mais de pombeir, na sombra das quixabeiras, a arapuca armada aos gallos de campina e rôlinhas pajéto.

Aconteceu, porém, que indo uma tarde, na companhia da mãe, até á cacimba distante, Benedicto, distraído com a procura de oves de passarinho, por lá perdeu o seu Biró, o que, entretanto, só foi apurado em casa, quando já se fazia noite e era de todo impossível retornar ao areal da beira do rio.

Para consolar o filho, Florinda prometeu que, na manhã seguinte, logo ao alvorecer, ambos iriam procurá-lo; mas, justamente, nessa mesma noite, sobrevieram as primeiras chuvas do inverno, que se prolongaram a cito num daquelles impetuosos temporales que costumam desabar sobre o sertão por esse tempo.

Três dias depois, quando Florinda, aproveitando uma estiada, e mais para contentar o filho, pois que sabia de todo improficua a diligencia, tentou chegar ao local da cacimba, já o rio acachoaava numa caudal tormentosa e nada mais se avistava do alveo arenoso e muito branco, onde, pouco antes, o Benedicto passara a pés enxutos para vêr, na margem opposta, pendente de um galho de umburana, o ninho de um *casaca de couro*.

Biró estava, assim, irremediavelmente perdido. De bubula, a rodopiar entre os camalôtes verdeengos, provavelmente, já por essa hora, elle iria muito longe, levado pela molle das aguas que, de dia para dia, mais se avolumava e, desbeicando ribanceiras, solapando taludes, em breve esancharia as margens do rio para espraiar-se nos avarzeados da vizinhança.

Concorrendo para que Benedicto esquecesse mais depressa a perda do boneco, com as chuvas, que revicavam a natureza, chegava a sazão da abastança, trazendo noços attractivos á vida sertaneja.

Assim, por todos os lados, nas rechaus crmadas e tristes, sob o panasco amarellecido, já se vislumbraava, raso com a terra mas de um verde intenso, o capim novo a repontar. Ainda um pouco e, também, rebentaria em lôr a cebolla sem-sem, matizando de branco a extensa alcalilla de verfura onde o gado, agora, nédio e retoução, viria pascer á farta, desforrando-se por alguns mezes das agruras da estiagem.

Então seria a época do trabalho intenso nas fazendas com o preparo dos roçados e o fabrico do queijo, o que permitiria ao Benedicto uma das suas distrações predilectas: ir todas as manhãs ao curral brincar com os bezerinhos novos, enquanto se fazia a ordenha das vacas.

E quando chegasse então o tempo dos umbús maduros?

De tudo isso poude aproveitar bem o Benedicto até que, já pelo fim do inverno, quando se projectavam as festas da proxima apar-

mettido por mais de um mez de incessante febrão, que por vezes o fazia tresvariar.

Florinda, durante a longa doença, desvelou-se á cabeceira do filho, tentando todos os meios para trazê-lo á saúde. Em começo, porque o supuzesse victima da mofina, ella lhe applicara as sementes do mastruco. Vieram depois os cosimentos de jurubeba, o infuso serenado da entrecasca do cumarú, os banhos de malicia de boi e toda a sorte de mezinhas que conhecia ou lhe recommendavam.

Contudo, nada sortia effeito e ella, já amu-

Star americana



RUTH ROIANO

nhçada, recorria também aos catimboeiros mais famanazes, confiando baldadamente na acção das juremas e mundungas mysteriosas.

— Meu Deus! se elle tem que ficar *alesado*, será melhor, então, que morra, — exclamava Florinda, por vezes, quando via o filho, encolhido no fundo de uma rede, a não dizer coisa com cousa e amilde reclamar o Biró, de que nunca esquecera. E na sua alliecção, ella corria todas as tardes ao terreiro para vigiar o poente, á procura do céu malhetado, que seria de má agouro. Felizmente, até então, as nuvens longas e vermelhas ainda não tinham apparecido.

Entrementes, já lhe chegara a fama de certo S. Francisco das Chagas, em cuja devoção se afervorava agora todo o povo de Piancó, tantos eram os milagres que praticava. Nas suas orações, Florinda agarrou-se ao novo santo, promettendo que levaria o filho a accender-lhe duas velas tão depressa o visse curado.

Fosse por obra e graça do padroeiro de Piancó ou ainda como resultado de algumas lo-

mentações com a banha do leju-açu, o facto é que, dous dias depois, o pequeno entrava a melhorar e, com mais um pouco, todo aquelle meio de mundo commentava o novo prodigio operado pelo S. Francisco das Chagas, que puzera bom o filho do Joaquim Calumbi.

Já tinham de novo cortado os rios quando Florinda, acompanhada do filho, rumou para Piancó, a fim de pagar a promessa. O marido, preocupado com a bróca que apparecera em algumas vezes, não tendo podido deixar a fazenda, ella decidira seguir na batida de um comboio conhecido; e, por uma morna tarde de agosto, enquanto cantavam nas chapadas as seriemas, lá se foi pelo deserto em fóra, leguas e leguas entre a vegetação tolhiça dos areas adustos.

Três dias depois, com o corpo moído pelo cansaço, mas cheia de uncção, Florinda chegava á capellinha humilde, onde se abrigava o santo milagreiro. Era um mocambo de cobertura de palha e paredes embarreçadas, plantado num socalco de pedra á beira da estrada. De dimensões minusculas e atapalhado das mais variadas oblatas, desde as moldagens em cera, oleogravuras de santos, rosarios, bentinhos e uma infinidade de velas até os gibões e chapéus de couro, nutretes velhos e cuias desenhadas, elle já não comportava mais o ingresso dos fieis, que accorriam de todos os lados e eram cada dia em maior numero.

Florinda, ajoelhada á sua porta, já se persignara e ia iniciar as orações, quando Benedicto, que se afastara um pouco do seu lado, começou a gritar:

— Mãe, olha Biró! Olha Biró! E' elle!

— Biró o que, meu filho. Venha cá. Deixe sua mãe rzar.

— Mãe, é Biró. Vem vêr . . .

Diante da sua insistencia, Florinda levantou-se e foi buscar o filho que, dentro da capellinha, continuava a apostoiar o aliar, gritando sempre e mostrando justamente o santo. E, sem attentar bem para a imagem, ella repetiu:

— Que Biró o que, meu filho . . . E' S. Francisco das Chagas . . .

— Mãe, é Biró . . . é Biró . . . Olha lá . . .

Só então Florinda olhou o santo e quasi cahiu para traz quando reconheceu que, disfarçado sob um manto roxo e com uma corôa de papello dourado na cabeça, lá estava, de facto, o boneco do filho. E, num relance, ella comprehendeu tudo. Biró, trazido pela enxurrada quando perdido á margem do rio, fóra encontrado por algum devoto de S. Francisco das Chagas, que o enthronizara como a imagem do mesmo santo, nascendo dali o novo culto.

E nessa mesma tarde, tristonha e sem já saber o que faria das velas-votivas, pois que não havia pago a sua promessa, Florinda retornou para casa, leguas e leguas entre a vegetação tolhiça dos areas adustos . . .

CARTAS

DE

MULHER

Para esse originalíssimo e esquisitudo temperamento feminino, que é Guimara, a mulher gorda summaria todas as exigências estheticas.

Foi ella mesma que m'o d'esse num bilhete, que teve, ha dias, a gentileza de me endereçar pelas columnas desta revista, e em que estranhou houvesse eu firmado opinião contraria, tão chocante para a sensibilidade dos seus nervos e attentatoria das leis gerais da critica e do gosto.

O bello é um phenomeno subjectivo, evoluindo, portanto, com a maneira de ser individual. Dahi os differentes conceitos da belleza, a sua infinita variabilidade.

Lipps já o definiu numa identificação do ser sentido no objecto contemplado.

Daquella harmonia plastica, que era a maior paixão dos gregos, ao grotesco das figuras de agora, que cada vez mais se afastam da normalidade e da simetria classicas, tem a cultura e o meio gerado definições differentes de belleza.

Guimara é um producto dessa cultura e desse meio. Erigindo em culto a adiposidade, as excundias femininas, creou essa estranha organização de mulher nova e ineditas formas de belleza.

Mas Boticelli, escolhendo um dia o modelo typico de pescoço de cygne e collo estreito, creou-as, tambem, e regrou, dahi em diante, a pintura de mulheres.

Os valores estheticos variam, pois, com o tempo, o meio, as raças, os individuos e... com a caprichosa e gentil fantasia de Guimara.

A Venus medica, tão bella e tão pura para nós, não o é para o hotentote. Para este são as nadezas mastodenticas das suas Venus negras e selvagens são objecto de culto e lhe acordam a embryonaria sensibilidade esthetica.

Para as nossas melindrosas de hoje, é no almofadinha, typo almiscurado e de alemunes femininos, futil no gesto e nas attitudes estudadas, que os copiam impunemente das mulheres, que vão ellas encontrar os seus mais bem acabados modelos de belleza masculina! E entre esses insexuados de pulseira, de creme, e que acham do bom tom as molestias languidas e as melancholias dos olhos tristes, e que têm, como nós outras, medo de barata e grilos — é entre esses insexuados que as nossas rolas flores de estufa, na rude phrase de Aivaró de Carvalho, vão escolher os seus lindos maridos!

São novos padrões, esses, que é mister não esquecer.

Para as jovens gregas, que tinham outro ideal da vida e que tinham o habito dos desportos athleticos, o mais alta emoção esthetica, buscavam-na ellas nas variadas poses plasticas daquellas maravilhosos corpos nus dos formosissimos athenienses, que estudavam primores de anatomia; naquellas attitudes serenas, de vigor e de elegancia; no rythmo das danças e nos fremitos offegantes dos jogos olympicos.

Entre as moças americanas, cuja educação está sendo calcada em moldes classicos, o culto pela belleza evolue para aquellas formas antigas, que aspiravam, como supremo ideal, a divina harmonia das linhas do corpo, sem o que não poderia haver perfeição moral, nem ventura na terra.

Não podem ter a mesma concepção nossa da belleza, pois essas ruparigas, formosas e loiras como um dollar, e que rompem, assim, com as tradições da educação occidental, remontando á Hellede legendaria, cuja vida e cuja belleza resuscitam, praticando, em plena natureza, sob a luz e o aroma do sol, dansas classicas e flexões rhythmicas, que lhes adelgaçam o talhe, coloram a epiderme e lhes reduzem o ventre, remodelando-lhes os contornos porventura imprecisos.

A gordura, que é a negação desse ideal de movimento e força, é quasi sempre um signal de decadencia physico, que é a morte da belleza e do amor...

ERA NOVA

"REFLEXÕES DE UMA CABRA"

Data venia, transcrevemos os brilhantes conceitos expendidos pela escriptora pernambucana d. Debora Monteiro sobre a novella «Reflexões de uma cabra».

Essa distincta e apreciada belletrista é auctora de varios trabalhos literarios, dentre os quaes se salienta a novella *Chico Angelo*, cujo successo alcançado em todos os centros intellectuaes brasileiros é uma affirmação eloquente dos meritos invulgares de d. Debora Monteiro.

Toda a vez que os livrarins expõem nas suas vitrinas um novo artigo literario, o publico leitor, com a sua gana pelas emoções que lhe possa communicar mais um livro, logo se apressa em adquirir-o. E não raro age desta sorte: o lê, matuta um pouco; para externar-se, porém, ao seu respeito fica á espera da opinião jornalística.

Isto é natural aqui como em toda parte.

Do seu lado os criticos também têm ansia de passar uma vista sobre elle, desde que se trate de uma bella firma. Felizardos, contudo, não precisam de se dar a pena pecuniaria de comprar-o; recebem-no das mãos dadas do autor ou do editor. Então, mal cortam suas paginas para segull-o de um facto, pegam a penna e traçam de bom grado, com a maior inspeção, aquillo que o criterio lhes dita ou que as conveniências lhes impõem ou ainda o que o despeito ou a inveja explote no seu intimo.

Não quero fazer por esse fio alguma allusão individual; falo, de feito, em these. Agora, aliás, não poderia trazer-a o proposito de critica nenhuma que me tenha interessado.

Quanto ao haver referido á boa fortuna dos criticos, é porque não tendo, antes não cultivando a mania critica pela imprensa, acabo

de obter, com uma deliratoria amavel para mim e modestissima da parte do sr. Americo de Almeida, as «Reflexões de uma cabra», com que esse jurista-sociologo vem de se eslecar brilhantemente na litteratura de ficção.

O A., por conseguinte, é um novo nesse genero. O ser novo, porém, no seu caso, não indica que tenha uma maneira vacillante, suas idéas não estejam bem fundadas. Pelo contrario: que elle quiz somente se revelar como novellista depois de cimentar devidamente as suas aptidões com uma solida cultura. E apparece-nos effectivamente com um trabalho, um verdadeiro fructo bravo, maduro, delicioso, colorido e stylizado, que nos agrada tanto pelo sabor nacional como pela sua forma, pelo seu entrecho, pelas manchas breves e vigorosas de paisagens que sentiu e estudou, além disso pelas typos que nos apresenta. Uma das provas que aimou um habil effecto com os seus recursos de sociologo e as virtudes de psychologo de que dispõe.

Os seus habitos de leitura, a inclinação que denota pelos escriptores de monta, emprestaram-lhe muitas qualidades, também propensões notorias pelo nosso mestre Machado de Assis. Essas propensões não lhe foram de modo algum prejudiciaes ou consaraveis; adicionadas ao seu caracter de

artista, produziram-lhe uma cousa que se deve tão só apreciar: uma personalidade. O sr. de Almeida é sem duvida alguem, tem um feiço pessoal.

Vou verificar, no entretanto, aos olhos do leitor, primeiro si elle é um paisagista. Abro ao acaso a sua composição na pagina 22 e leio: «O sol era uma posta de carne viva. Escondeu-se, mudou de côr: assou-se no braseiro do occaso. E chugaram as indeições reprensiveis: as sombras frouxas que se filtram em nossa sensibilidade. Hora em que os nossos pensamentos e as nossas illusões, antes de adormecerem, também nos batem asas, em revoadas, dentro da cabeça e dentro do coração».

Como todo esse trecho é suggestivo!... Parece-me, decididamente, que não lhe falta o nervo do pintor, do poeta.

Na arte das conversas elle exterioriza o equilibrio, o movimento, a justiça precisos. Não noto, por exemplo, uma linguagem empertigada, pomposa, impropria na bocca dos seus herões coipiras, excepto quando, de facto, a situação requer.

Interve-se o leitor, para tratar com essa gente do interior, que ha de ouvir expressões semelhantes aquellas ali usadas.

Zé Fernandes, a figura principal da antidade, está focalizado. Não o está menos a Maria

Annunciada, que incarna a moça roceira e talvez mesmo melhor o seu typo que a irmã, a salista Arataquára.

Como elle soube traçar num feiço apanhado, nitidamente, o seu perfil de roceira amorosa, a um tempo supersticiosa e arisca!

Certamente o A. enidou que não tendo Maria Annunciada jamais visto Theda-Bara, Bertinis ou Pê-nas, em fitas, não pôlla deixar de ser meia selvagem. E pensa com acerto.

Ha nessa novella uma scena de amor que encanto, em razão da sua originalidade. Si houvesse espaço aqui eu a reproduziria, com muito agrado. Todavia, assim como não a reproduzo, não resumirei a trama do romancete em foco (dizem muitas vezes que é por mal que se faz isso). Por fórmis que mando á livraria o leitor que ainda o não possui.

O seu preço é diminuto: mil réis.

Leitor cioso do teu diabeiro, mas amante dos «films», vale mais poupar os nickels de uma noite num cinema que não adquirir uma novella interessante como a do sr. Almeida.

Experimenta, comprando-a. Poderás saber, então, si te surprehe de ou não o final, que são as reflexões de uma cabra...

DEBORA MONTEIRO

CAMISAS, CEROULAS, COLLARINHOS E PYJAMAS

FABRICA COLOMBO

DE **Marinho e Moura**

Rua Barão do Triumpho n. 450 — Caixa Postal n. 14 — PARAHYBA

VIDA DE IMPRENSA

ABEL DA SILVA

(Conclusão)

Deixando o Recife, voltei á Parahyba em princípios de 1909.

Alcio ao movimento da imprensa local, tive, entretanto, de collaborar na «União», substituindo a Xavier Junior, cujas occupaões do anno lectivo na Escola Normal exigiam um repouso na praia.

Meus primeiros artigos no organ official foram acceitos com a maior gentileza. E tive, então, oportunidade de conhecer alguns plumitivos que eu não deixara aqui e dos quaes breve me approximei, por essa affinidade sympathica entre homens de imprensa.

Desses destaco o coronel João Lyra, homem de vasta capacidade de trabalho, servido por uma intelligencia forte ajudada de leituras aprofundadas em, principalmente, Historia e Commercio.

Encontrei-me, ainda, com Aprigio e Augusto dos Anjos — este ultimo já afamado poeta mas que, na prosa, era um segundo Augusto dos Anjos — creatura predestinada á cuja memoria ainda não tive tempo de pagar o tributo de minha saudade.

Esboçava-se tambem na imprensa a individualidade do joven João Meira Bezerra de Menezes, então simples preparatoriano mas que se esforçava por arranjar seus artigos com certa graça e apuro de estylo, que mais tarde lhe vieram valer um logar na imprensa indigena.

Ainda encontrei ao padre Mathias Freire, meu antigo discipulo e cujas aptidões combativas se tiveram de revelar no desdobramento continuo de sua capacidade de jornalista, de poeta, amarrado a princípios irreprimiveis e altivos, n'uma demonstração de energia que se nos impõe, n'uma attestação de carater que parecia servir de espelho á contraria-jornalística.

E, para fechar a serie dos novos que na *União* encontrei, devo destacar Leonardo Smith, essa magnifica e soberba organisação de litterato e de polemista, accrescida de uma bagagem juridica que fez a inveja de muita gente...

Correndo os tempos, quasi sempre no genero politico, tive, entretanto, de fazer jornal corrido e alteirado, dividindo-me por assumptos de occasião, apanhando motivos na rua, nas praças, por toda parte, ao lado de rapazes como Alcibiades Silva, Celso Martz e outros de equal brilho no firmamento de nossa intellectualidade patria.

Em certo periodo de ferias de imprensa (Natal e Anno Novo) fundei, com o dr. L. Smith, um jornalzinho de vida ephemera, o

«Correio da Tarde», cuja existencia se prolongou por mezes e desapareceu por motivo de haver eu transferido minha residencia para a estação de Espirito Santo.

Tempos correndo, sempre solidario com a imprensa official, entrei, sob convite do dr. Oscar Soares, a collaborar no *Norte*, jornal de feição altamente sympathica e ao qual, ainda hoje, nas horas de descanço, peço minha desvaliosa collaboração.

... DI-se a lucta entre os partidos epistacista e walfredista; funda-se o «Diario do Estado» em cuja redacção foi incluído meu

Pelos Municipios



O SR. FRANCISCO COELHO, presidente do Conselho Municipal de Cabaceiras.

nome, aliás sem consulta prévia e por mera resolução dos meus amigos, resolução a que eu de boa vontade acquiesci.

O «Diario do Estado» foi, effectivamente, um jornal poderoso e valente: José de Almeida, Affonso Campos, Mathias Freire, Heraclito Cavalcanti, Rodrigues de Carvalho, Leonardo Smith e mais outros — faziamos uma opposição digna e tenaz: eramos uns desassombrados, encarando todas as vicissitudes da politica e até, ás vezes, expondo a propria vida á furia de sicarios que, felizmente, a alta direcção do partido contrario repelia como cousa indigna.

Quando o «Diario do Estado» encetou a campanha de demarche...

naquelle memorial serie de artigos com o titulo de *Dom Bibas*, entendi, de mim para mim, retirar-me da imprensa: fil-o em declarações publicas.

E' que eu não podia ser solidario numa campanha de desmoralização odiosa e privada contra a vida de um homem que sempre fora meu amigo e no qual sempre vi, como ainda hoje vejo, uma das individualidades mais honrosas da Parahyba, astro de grande brilho, aguia de grande vôo, cujo fulgor de intelligencia e cuja audacia de commettimentos estão ahí expostos á admiração do Brasil inteiro — porque Casiro Pinto pode inscrever, na sua biographia, gestos e palavras de apreço paridos da bocca desse grande homem universal que é Ruy Barbosa.

Retirando-me da imprensa da capital, fundei, na cidade de Itabayana, ladeado por um punhado de rapazes intelligentes, como Severino Baptista Lins e Zuza Ferreira, um jornalzinho intitulado «Gazeta da Manhã», cuja existencia foi ephemera.

... Voltei, pouco ha, á actividade, prestando meus poucos serviços á *União*, ao *Norte* e á «Era Nova» — este esplendido mostruario do que a Parahyba possui de mais fino no dominio das letras patrias.

«Era Nova» é a maior conquista da intellectualidade parahybana dentro da vida de imprensa.

Não foi possivel, como prometteramos no numero anterior, publicar na edição de hoje os *clichés* das eleitas do Concurso de Belleza desta capital. Isto foi motivado pelo facto de ainda não havermos recebido os mesmos do Recife, onde são confeccionados, com esmero, pelo gravador sr. B. Telles.

Caracteristicos singulares — Algumas singularidades caracteristicas dos jornaes têm servido para divertir o publico. Um dos mais notaveis foi o *Luminaria*, jornal publicado ha alguns annos em Madrid. Era impresso com tinta contendo phosphoro, de modo que o jornal podia ser lido no escuro.

Le Bien-Être promettia aos assignantes que o subscrevessem durante quarenta annos...

SONETOS DE J. BARRETO

A MARRECA...

*As margens da lagoa, passeando,
No concentrar tristíssimo de um pária
A marreca, bizarra e solitária,
Comigo mesma está philosophando.*

*Ledas gaiolas, na união de um bando,
Passam buscando a patria imaginaria...
E ella quada-se a olhar a sorte varia,
Nos contrastes que a vida nos vae dando.*

*Quando tu vês a misera, sosinha,
Cedendo ao peso de algum mal occulto,
Foges, e a triste a meditar caminha...*

*Ea, ao contrario, de encontrar a exulta,
Que na magua que a curva e que a dehinha,
Ella reflecte bem meu pobre vulto...*

ESPINHOS E ROSAS

*A tua mão de rosa, em meu soffrer de seda,
De seda porque fere e punge brandamente,
Espulha no meu ser a mais fértil semente
Do espinho que brotou... da rosa erguida e leda...*

*O espinho surge logo; ao meu peito segreda
O mysterio da dor que me tornou doente,
Veiu a rosa depois surgindo mansamente,
Na etherea morbidez de uma longa alameda.*

*Quando o inverno passou e as tristezas adjunctas,
Fui revel-os: o espinho e a rosa desbotada,
Causas tão desiguales vivendo sempre juntas!*

*Trago espinhos, de então no sonho de velludo
Tirei rosas no pé fiquei sorrindo nada...
O espinho me feriu fiquei charminho tudo...*

O FUTURO VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA

Ninguém estava mais naturalmente indicado para a vice-presidencia da Republica que o sr. Estacio de Albuquerque Coimbra.

Trata-se de um cavalheiro fino, discreto, sobrio de phrases e de attitudes; de um chefe equanime, que, tendo a calma dos fortes, nunca se atirou solfregamente ás posições culminantes, nunca atropelou os demais na ancia de se apoderar dos melhores postos. Generoso e optimista, dada a sua fé exclusiva no caracter e no trabalho, não cede a crises de desespero, não se impacienta, não se entrega á mimica de demagogos.

A affabilidade envolvente do seu temperamento cordial, a sua inextinguivel bontomia de genilhomem, não corrompido pelo ritual convencionalismo da vida citadina, torna n-n'o um guia a quem é grato obedecer.

A sua elegancia mental de *bourgeois-aristocrata* de Pernambuco, a sua sagacidade encoberta de varão experimentado, impõem-se mais que os puridos hierarchicos e os assomos de chefarrão prepotente em que se aviltam os hystriões da baixa politicalha.

E não ficará magnificamente na circção dos debates do Senado, o pernambucano culto e esclarecido que fi-

Monrõe; o republicano austero que, numa epoca eriçada de difficuldades innumeraveis, soube desobrigar-se do aspero encargo de representar Pernambuco na Camara, modelando os seus luminosos pareceres de membro da commissão de finanças nos mais augustos principios da moral politica. Aquelle que sempre amou a discussão



Engenheiro ADHERBAL DUARTE

em torno á sua obra de congressista, estimulando o senso critico dos seus co-estaduanos, procurando estabelecer uma fecunda compelição de idéas na imprensa e reverenciando a capacidade introspectiva dos bons sociologos, estará como em seu elemento natural - vivaz nas discussões do Senado.

E' certamente essa a sua authentica finalidade.

Além do mais, o sr. Estacio de Albuquerque Coimbra é, no trato intimo, um bom, um affavel, um generoso. E o politico pernambucano, sem visar fins de benemerencia eleitoral mas unicamente cedendo a nobres impulsos de um coração dado a extremos affectivos, não perde ensejo de ser util aos que se lhe approximam em occasiões difficeis.

A solicitude prestante com que acolhe os conterraneos mais obscuros, favorecendo-os, amparando-os, prestigiando-os com o seu apoio, sem antes saber se se trata de um possivel votante, de um correligionario politico.

E é de ver a stoica serenidade, a paciencia evangelica com que a todos attende.

Tratando do futuro vice-presidente da Republica, ao que ahi fica, traços mais expressivos que estes: é optimista e é generoso.

OSCAR WALTER

NELSON DE QUEIROZ CARREIRA

Cirurgião Dentista

Executa, com cuidado e correção, os mesteres concernentes á sua profissão.

Consultorio - PRAÇA PEDRO ALBINO, 75.

Expediente - 7 ás 4 horas

recção dos debates do Senado, o pernambucano culto e esclarecido que figura com tanto destaque nos debates

imprensa e reverenciando a capacidade introspectiva dos bons sociólogos, estará como em seu elemento natural

concentra, conciliando e concorrentes á sua profissão.

Consultorio: PRAÇA PEDRO AMÉRICO 76

ERA NOVA

LIVROS & REVISTAS

«Ensaio e Conferencias»

O apreciado homem de letras conterraneo sr. José Euclides B. Cavalcante vem de lançar á publicidade o seu livro de estreia intitulado «Ensaio e Conferencias».

Essa obra contém innumerables trabalhos inéditos e também já estampados pelo seu auctor na nossa confrreira A União, os quaes versam assumptos dos mais palpitantes relativamente á politica, socialismo, literatura, philosophia e outros ramos scientificos, estudados e analysados pelo sr. José Euclides com a proficiencia e criterio que são innatos á sua personalidade.

Quanto á feição material do livro «Ensaio e Conferencias», achamos das melhores, tendo o

mesmo sido editado pelas officinas graphicas da Imprensa Official.

Aguardemos, agora, a critica indigena e a de outros centros de cultura onde a referida obra haja sido divulgada.

Pela exiguidade de espaço, deixamos de nos externar detalhadamente sobre essa novel obra litteraria, o que, aliás, muito lamentamos.

Accusamos a recepção dos seguintes jornais e revistas: Correio de Aracajú, Correio de Campina, O Riso, O Jornal de Noticias, A Noticia, A Nova Escola, Illustração Brasileira, Liga Maritima Brasileira, America Brasileira, Fon-Fon, A Cruzada e Terra Natal.

A Gazeta dos Estados — Aparecerá muito em breve na Capital Federal a Gazeta dos Estados, que se propõe publicar informes detalhados de todos os pontos do Brasil, des'arte, emprehender um efficaz serviço de propaganda das diversas unidades federativas brasileiras.

Dirigirá esse organ de publicidade o jornalista R. Braga, com largo tirocinio na imprensa carioca, na qual vem cooperando com verdadeiro brilhantismo.

A Gazeta dos Estados, contando com um luxido corpo de colaboradores no microcosmo intellectual da metropole, mantém ainda em cada Estado da Republica um colaborador e representantes, a fim de os mesmos divulgarem-na entre nós.

Aguardamos anciosos o 1.º numero da Gazeta dos Estados, cujo apparecimento vem preencher uma lacuna que de ha muito se resentia a imprensa nacional.

Na vizinha capital sulista virão á luz da publicidade, talvez por todo o mez corrente ou meados de setembro, os livros *Fruita de Pan e Scara Alheia*, de Silva Lobato, consagrado poeta e christista pernambucano, e *Impressões do Amazonas*, do brilhante escriptor parahybano dr. J. Pinto Pessoa; ambos vez por outra empastam as paginas deste magazim as fulgurações de suas pennas adamantinas.

Os nossos logradouros



PRAÇA VINANCIO NEIVA, VENDO-SE AO FUNDO O PALACIO DO GOVERNO.

Nenhum mestre pôde ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo do que a mãe!

E é principalmente essa missão que deve induzir todas as moças a ler e a estudar com attenção. Aprender para ensinar, com intelligencia, alegremente, maternalmente!

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite de certo responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinavel de guiar. Ah! a nossa desgraça! Se elles nos perguntam pelos phenomenos da natureza, os primeiros a attrahirem a sua attenção, que resposta lhes damos! Elles querem saber que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a luz está pregada no céu, de que é feita a sua luz, como e porque lampejam as estrellas, porque se une no horizonte a terra ás nuvens; e o que é a terra, a pedra, o movimento, a agua, o sol, o som, a voz, a flor, o insecto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo! e nós, a quem isso não foi utilidade ensinada, ficamos envergonhados, humilhados, com um profundo desgosto de nós mesmas.

Enão é que nos vem á mente o desprezo pela instrução ornamental aparatosa, com que conquistamos nas salas o prestigio e o renome! São os labios innocentes e roseos das crianças que nos infligem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar corecções e musicas, onde na maior parte das vezes não entrava a nossa alma, a nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar!

JULIA LOPES DE ALMEIDA

A barba — A barba não sómente é um signal de virilidade como também influencia muito na saúde. O doutor J. H. Hontingir conta que um individuo se curou de uns violentos ataques de odontalgia, que o atormentavam, deixando crescer a barba, e Malthei cita um frade que passou a soffrer dores atrozes de dentes, desde que raspar a barba. O doutor Szakalski fez uma curiosa estatística, relativa a 33 individuos vigorosos e de boa saúde, de 25 a 40 annos, empregados na construção do caminho de ferro de Lyon, e que se resolveram a raspar a barba no mesmo tempo.

Todos — diz elle — soffreram, depois disso, uma sensação penosa de frio, na região subitamente descoberta.

Alguns acostumaram-se em breve á impressão do ar, mas outros não foram tão felizes. Entre elles, registram-se 7 casos de odontalgia; entre os quaes havia 11 nevralgias dentarias e facias; 10 casos de fluxões gengivares,

com ou sem abcesso, e 13 casos de caries dentarias de data antiga, porém evidentemente activadas pela supressão da barba. Vinte e dois mostraram-se bastantes rebeldes ao tratamento; mais dois doentes que, assistidos com a tenacidade do mal, deixaram novamente crescer a barba curaram-se depressa.

A barba proporciona uma protecção efficaz contra os resfriamentos, catarrhos, bronchites e pneumonias.

A ortiga — A ortiga, que muitas pessoas desprezam ou temem por já se terem picado com ella, é uma das plantas mais uteis que a Natureza pôde proporcionar ao homem.

As ortigas novas, convenientemente mondadas, cozem-se como qualquer hortaliça e constituem um prato bastante aceitavel; na Irlanda, durante algumas epochas de fome, muitos pobres não comiam outra coisa.

Os animais, embora nunca se aproximem das ortigas no campo devoram-as avidamente quando lh'as dão como pasto.

Na Russia, na Suecia e na Hollanda, o gado ali mantém-se com ellas e affirmam-se que os animais assim sustentados nunca soffrem de doenças contagiosas. Em muitos paizes a raiz da ortiga emprega-se para fazer cordas e tecidos desde epochas remotissimas.

Os habitantes de Kamschalaka fazem com ella suas rédes para pescar. Na França usa-se para a fabricação do papel. Os chinezes e os indios tecem-na e fabricam um excellente panno branco, e o mesmo se faz em alguns pontos da Escocia. Como materia textil a ortiga da China é a melhor. O tecido que se fabrica com ella é tão fino como a seda.

Estabeleceu-se agora em Dresden uma fabrica para fazer panno com esta especie e com a ortiga comestivel da Europa.

Pelo mundo dos desportos

Despertou completamente do seu sono o esporte desta capital, ante a necessidade imperiosa de mostrar-se durante os festejos esportivos de setembro proximo.

gada dos sportsmen rio grandenses do norte para provas atleticas e um sensacional match de foot-ball entre o A B C dessa cidade e o Cabo Branco daqui.



1.º team DO "A B C" DE NATAL.

Revolvem-se todos as forças dos nossos atletas cultivando-as incessantemente para o aperfeiçoamento da raça.

A ATTITUDE DO CABO BRANCO

Não têm poupado esforços os directores do Sport-Club Cabo Branco, a fim de dar o maior



1.º team DO "CABO BRANCO" DA PARAHYBA

os nossos vixinhos numa embriaguez athletica nunca vista aqui no Brasil.

brilho possível ás festas do Centenario contidas no seu programma.

Recife deseja reunir em sua cidade...

que mal cabe as...

1.º team DO "CABO BRANCO" DA PARAHYBA

que distribuiu uma série de interessantes e sensacionais provas de força dignas dos festejos projectados.

A começar da corrida Marathona, partida de Tambão, que é um dos mais emocionantes prelios de nossa mocidade forte, onde qualquer parahybano a disputará a pé, numa distancia de 8 kilometros, chegando enfim em frente ao palacio do govêrno, onde sera proclamado o vencedor, pela população parahybana.

ENVELHECER

*Na manhã da existencia, ouvindo o peito,
Que previa teu vulto no caminho,
Dentro em minh'alma levantei teu ninho,
E, nesse ninho, preparei teu leito.*

*Desceu a tarde, e ainda me viu sosinho,
Murcham as rosas, que de leve, ageito;
De novas rosas tua calcha enfeito,
E o travessôro novamente, ainho.*

*Cae, tristonho o crepusculo, na estrada,
A longo os olhos, atirando um beijo
A' forma vaga do teu corpo... E nada!*

*Recomponho as palavras que não disse,
E, apagando a candeia do Desejo,
Adormeço na noite da Velhice...*

Humberto de Campos

O ultimo alchimista—Um redactor do France Maroc descobriu em Fez o ultimo alchimista.

É um hebreu centenario que vive encurralado na mais velha e na mais suja das ruas da cidade marroquina.

A sua historia, como elle mesmo a narra, é simples e grande.

Um dia, o sultão Mulay Hasan precisou de dinheiro para as suas tropas e fez proclamar no Imperio que todos aquelles que estudassem alchimia fossem ter com elle.

Apenas três se apresentaram: dous mulsumanos e um hebreu. O sultão os alajou em uma pequena casa, onde lhes disse:

«Eu os tomo ao meu serviço; continuem as suas procuras; quando tiverem encontrado o Grande Segredo m'ò participarão».

Dous annos depois o hebreu se apresentou ao soberano e lhe disse haver descoberto o modo de fazer ouro e haver descoberto, ao mesmo tempo, o metal que torna o homem invisível e invuneravel ao fogo.

O sultão fitou longamente o alchimista, que poderia fazer delle o soberano mais poderoso do mundo dando-lhe um poder sobrehumano para praticar o bem e o mal; depois teve um gesto admiravel: «Volta em paz para a tua casa—lhe disse—agora já me é indifferente que fabriques o ouro do momento que conheces o segredo».

gesto admiravel: «Volta em paz para a tua casa—lhe disse—agora já me é indifferente que fabriques o ouro do momento que conheces o

os nossos vizinhos numa embriaguez intelectual nunca vista aqui no Brasil.

Recife deseja reunir em sua urbs todos os

brilho possível as festas do Centenario conti-

O dia 3 de setembro, que mal cabe as suas

segredo».

E sacrificando o util á sciencia pura, con-

ERA NOVA

PORTUGAL-BRASIL

Discurso proferido em Santa Rita do Sapucahy, Estado de Minas, pelo sr. Francisco Falcão, em nome do Brasil, na sessão cívica promovida pela colonia portugueza, em homenagem aos aviadores lusitanos, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, quando concluíram o "raide" aereo Lisboa-Rio.

Ha mais de um mez que os portuguezes do velho e novo mundo vinham palpitando de ansiedade e emoção pelo resultado da façanha extraordinaria dos dois arrojados aviadores lusitanos — Sacadura Cabral e Gago Coutinho —

tes no Brasil, sensibilizados pelo arrojado feito, que acaba de cumprir a sua patria mais uma vez ainda de immoderada gloria? Não, senhores, esses gritos, essas demonstrações de entusiasmo quente e delirante, não partem só dos peitos e dos labios de portuguezes; não, senhores, escultae bem, consultae os vossos proprios corações, e vereis que ellas irrompem tambem, flamejantes e fragorosas, do fundo das nossas almas de brasileiros. E não podia ser de outro modo: somos o objectivo dessa gentileza excepcional e incomparavel, que, para se tornar effectiva, levou os dois heróicos mar-

es países ouvem essas lendas, que lhes incendeiam a imaginação, mas, prudentes, deixam-se ficar em suas praias. Só Portugal não resiste á tentação; e D. Henrique funda no promontorio de Sagres aquella escola de titães que deviam dominar o mar e, aos olhos do mundo, desvendarem-lhe os segredos millenarios. Pouco depois, empolgados pelo mysterio, começam a descer, rumo ao sul, as fragéis caravelas, pelas vagas procellosas do Atlantico profundo e mysterioso.

«Quem for ao cabo Non
Vallará ou non...»

Que importa? E os destimidos navegadores debzram o cabo lendario e apavorante. Proseguem: meio seculo mais tarde, a maior parte do littoral africano, os archipelagos de Açores, Madeira, Cabo Verde se tornam conhecidos e frequentados pelas suas naus.

Morre o Infante, e a obra formidavel, iniciada em Sagres, continúa. Portugal inteiro está abraçado da mesma febre e inquietado pelo mesmo sonho.

Bartholomeu Dias empenha-se por levar mais adiante as descobertas: quer saber onde acaba o continente negro. De repente o mar se torna mais furioso do que nunca: ha naufragios sem conta. As tripulações vão diminuindo pouco a pouco, dizimadas pelas pestes. Ouvem-se gritos e gemidos a bordo de todas as caravelas. A' noite, as cabeças dos naufragos parecem fluectuar, de aspectos doloridos, sobre as ondas agitadas: tudo obra do gigante Adamastor, que, querendo impedir-lhes a passagem, se vingava daquelle modo horrivel da audacia inconcebivel dos marinheiros lusitanos.

Apesar de todas as Tormentas, Bartholomeu Dias assigna a descoberta do cabo da Boa Esperança, o ponto de encontro ha tanto procurado entre o Atlantico e o mar das Indias. Doze annos depois, Vasco da Gama chega ás Indias, e, em 1500, Cabral avista montes e praias do Brasil.

Assim, a nossa terra querida e muito amada nasceu da grande aventura; foi, por sua vez, uma resultante do bello sonho e da alma inquieta de Portugal.

Por isso, hoje, ao chegarem á capital da Republica os dois arrojados aviadores lusos, ouvem-se gritos de entusiasmo e aclamações delirantes. De que bocas? De que peitos? Só de portuguezes? Não, senhores, escultae os vossos proprios corações, e sentireis que essas aclamações, tambem, flamejantes e fragorosas, irrompem das nossas almas de brasileiros. Portugal não descobriu, apenas embu-



A PARAHYBA ANTIGA — Estação da Ferro Cerril

que conceberam a idea de, planando sobre o mar, virem trazer da patria as suas saudações fraternas e ardentes ao Brasil, apesar de quaesquer difficuldades e a despeito de todos os perigos.

Hoje, o plano ousado e grandioso se tornou realidade, apesar dos contratempos varios em que, perfidamente, pareceram conspirar contra os arrojados nautas do espaço, os densos nevoeiros, os rochedos de S. Pedro e S. Paulo, e as ondas do mar tumultuoso e encapellado. Eil-os victoriosos, chegados a terras do Brasil: a Recife, a Salvador, a Victoria e, em fim, ao Rio de Janeiro. E desde que respiraram os nossos ares, avistaram a areia branca e o verde-escuro do coqueiral do norte, que emolduram as nossas praias, o povo commovido, estendendo as mãos para o alto, como se fosse a enviados do Céu, vibra e os aclama entusiastica e delirantemente.

Mas, de onde saem estes gritos e estas ruidosas manifestações? De que bocas, de que

tas a exporem voluntariamente a vida. Não podia ser de outro modo: descendentes de portuguezes, continuadores da civilização sete vezes secular daquelle pedaço da península ibérica, olhamos e sentimos este glorioso feito, com tanto orgulho e entusiasmo, como se fôra realizado por filhos do Brasil, tão grandes e fortes são os laços que nos prendem á terra e ao povo de Portugal!

Com este feito, agora, mais uma vez se afirma que os traços predominantes da alma portugueza são o seu cavalheirismo incomparavel e a atracção irresistivel que experimenta ante o ignoto. Passam-se os seculos e a sua febre de aventuras não se apaga sem extinguir. Incurrigíveis sonhadores, criando e cantando que marcham para o desconhecido, sem se aperceberem do perigo e da morte.

Vêde-os no limiar do seculo XV. Os povos mediterraneos andam com a mente cheia de historias e de lendas, em que se fala de

peitos? Só da alma dos portuguezes, residen-
lhosas e encantadas. Os marinheiros de todos
tambem o Brasil, carinhosamente, no alvore-
cer da sua civilização, Deu-lhe governadores

ERA NOVA

que andaram a edificar cidades por seu im-
menso littoral: S. Salvador foi uma filha que-
rida da boa vontade de D. João III e da de-
dicação insuperavel de Thomé de Souza. Qua-
tro annos depois do governo, regressa a Por-
tugal mais pobre que vier. Deixa no Brasil o
fructo das economias enhesouradas durante a
sua administração das Indias.

O Rio de Janeiro foi um fructo da sabedo-
ria e da coragem do 3.º governador e do he-
roismo de Estacio de Sa, o seu sobrinho, que
lhe sacrificou a vida.

Tudo nos deu Portugal: defendeu-nos n.
littoral do francez, do bátauo, do inglez. Im-
pediu, heroicamente, a fragmentação do terri-
torio. Mathias de Albuquerque, o defensor de
Pernambuco, na guerra hollandeza entre 1630
e 1635, devia ser collocado no mesmo pan-
theon onde se acham os mais gloriosos heróes
da nossa historia colonial.

Não é tudo: deu-nos a religião, ensinada
em meio das selvas brutas pelas figuras doces
e affaveis de Nobrega, de Aspicuella Navarro,
de Archieta, catechistas e enfermeiros, media-
dores e poetas, apóstolos e santos. A elles, aos
seus continuadores, devemos nós este sem nu-
mero de Igrejinhas pobres e veneraveis, espa-
lhadas, como velas perdidas, no oceano im-
menso dos serões-brasilicitos, templos, onde,
pela modestia e silencio das suas naves, as pa-
lavras eternas do Nazareno parecem ainda mais
suaves e mais consoladoras.

Legou-nos Portugal, ainda, um preciosissi-
mo thesouro, o instrumento com que expri-
mimos as nossas maguas e os nossos desejos,
as nossas paixões e os nossos desesperos—
a lingua, este idioma doce e harmonioso em que
Camões escreveu os *Lusindas*, Herclano, o
Eurois e *Guerra Junqueiro*, os *Simões*; o me-
smo, de que se serviu Gouçalves Dias para can-
tar *Tymbiras*, Bilac o *Caçador de Esmeral-
das* e Alencar, o *Quarany*; o idioma em que,
na infancia, fitando o olhar que nos acompa-
nha a vida toda, balbucrimos: *Minha mãe*; o
idioma em que, nos vinte annos, ante aquella
que nos promette encantos e venturas supre-
mas, dizemos: *Meu amor*; o idioma em que
no momento da terra natal exigir o nosso tra-
balho, a nossa intelligencia e o nosso sangue,
o corpo em febre, o olhar em chammas a de-
safiár o mundo—exclamamos: *Minha patria*;
o idioma em fim, com que á hora da despe-
dida, as lagrimas a correrem dos olhos, e o
coração apertado e dolorido, murmuramos, qua-
se num soluço—*Saudade*, palavra unica da
nossa lingua, porque exprime um sentimento
que só existe na alma dos filhos de Portugal
e do Brasil.

Por isto, ao chegarem, a terras do Brasil, os
dois ouzados nautas do azul e do mar, ouvem
se gritos de entusiasmo e aclamações deli-
rantes. De que peitos? De que boccas? Só de
portuguezes? Não. Consultemos os nossos co-
rações e havemos de sentir que essas aclama-
ções e havemos de sentir que essas aclama-
ções e havemos de sentir que essas aclama-

ções, fervorosas e ardentes, irrompem tambem
das nossas almas de brasileiros.

Com a terra, os costumes, a religião, a lin-
gua, não ha brasileiro que não sinta dentro de
si um pouco de alma portugueza. Os seus can-
tos de saudades e os seus lutos nos enternecem
tanto o coração, como se houvessemos
nascido tambem em suas praias ou aspirado
na infancia o perfume das suas aldeias, entre
montanhas escondidas.

A coragem, a confiança no futuro qualida-
des que caracterizam os povos varonis e for-
tes, herdamos-as da mãe patria.

Portugal não morre! Descobriu as Indias;
realizou com sacrificios inauditos o grande Im-
perio do Oriente. Viu o desmoronar-se e não
desanimou. Voltou-se para o Brasil: coloni-
zou-o, fel-o grande e poderoso. Viu-o tornar-
se independente. Era como um pedaço do seu
corpo que se desagregava, o seu sangue, mu-
lto da sua vida... Mesmo assim, Portugal não
succumbiu. Durante o seculo XIX realiza tri-
das as conquistas por que se haviam batido os
demais povos civilizados.

Agita-se a questão de regimens e Portugal
torna-se Republica. A transformação era pro-

funda. Inicia-se um longo período de luctas
implacaveis, de revoluções sem conta. E todos
pensam: Portugal vai perecer. Enganem-se.
Sobrevem a grande guerra. Portugal colloca-
se ao lado dos aliados e impressiona o mun-
do pelo destemor dos seus soldados e por seu
heroismo extraordinario.

Terminada a conflagração européa, agita-se
alli, como no mundo inteiro, a questão social.
Portugal é sacudido por novas commoções.
Vae despediçar-se, vae desaparecer, pensa o
mundo, e elle, no entanto, acaba de deslum-
brar o mundo, com esse feito de suprema vi-
talidade realizado pelos dois destemidos avia-
dores Gago Coutinho e Sacadura Cabral a re-
cente travessia do Atlantico.

E desde que chegaram a terras do Brasil
atróam do Recife a Guanabara, gritos e accla-
mações delirantes. De que boccas? De que pei-
tos? Só de portuguezes? Não. Fazei silencio, ó
peitos e boccas lusitanas, emudecei por um
instante e ouvireis que, de um a outro ponto
do Brasil, as aclamações, frementes, delirantes,
fragorosas, continuam, partidas do fundo
da alma brasileiro, que vos felicitando, faz vo-
tos a Deus, pela paz, pela grandexa e pela
eterna gloria de Portugal!

INFANTIS



JOSE FRNANI filhinho do sr. Samuel
Pereira Borha, commerciante em Santa Rita

INDUSTRIA NOVA

Constituiu-se nesta capital a firma
Guerra, Vasconcellos & C.ª, socieda-
de de que fazem parte os estimaveis
commerciantes e industriaes srs. Felix
Guerra, João de Souza Vasconcellos
e Alfredo Sobral.

Essa firma tem por objectivo ex-
plorar o fabrico de perfumarias e
seus derivados, taes como, talcos, pó
de arroz, pastas dentifricias, loções,
brilhaninas, etc, devendo começar
nestes dias os seus negocios á rua
Bardo da Passagem.

Somos gratos á communicação
que nos fizeram e aguramos feliz
exitto aos intelligentes e operosos in-
dustriaes.

NOTAS DE UM ESTUDANTE

O trabalho de critica ao livro «No-
tas de estudantes», publicado na *Era
Nova* de 1.º do corrente, é da lavra
do nosso fulgurante collaborador pa-
dre dr. Pedro Anisio, a quem pedi-
mos desculpas por não ter sabido
devidamente assignado o seu estudo
de apreciação á novel obra do sr.
João Ribeiro.

**Por motivo de sómente
trás-ant-ahontem nos ter
chegado ás mãos o cliché
da capa deste numero,
não podemos dar á publi-
cidade, no dia aprazado.**

**a presente edição da
Era Nova,
Fiamos que os nossos
prezados leitores nos
desculparão esta falta in-
voluntaria**

CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até creanças pôdem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19

RUA MACIEL PINHEIRO N. 29

PARAHYBA DO NORTE

Ford

O AUTO UNIVERSAL

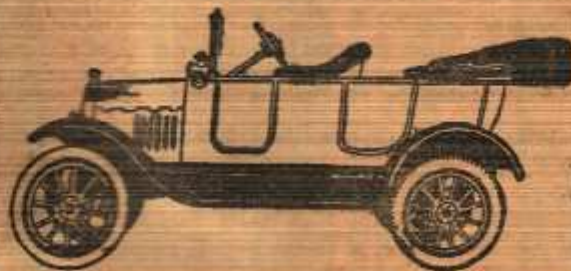
Fouring 5 passageiros	5.500\$
Caminhão, classis	5.400\$
Tractor, Fordson	8.000\$

**Officina completa para concerto
e estufa para pintar**

Venda de peças legítimas FORD

Agencia Ford — MONTEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINH IRO



ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, accel-
tando trabalhos para o interior.
Expediente das 10 ás 16 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, accel-
tando trabalhos para o interior.

ERA NOVA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro Para yba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190.

Chapécs para senhoras e creanças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

MERCEARIA MODELO

(FILIAL DE PEREIRA ALMEIDA & C.)

IMPORTADORES

DE

GENEROS ALIMENTICIOS DE PRIMEIRA QUALIDADE, BEBIDAS FINAS, CONSERVAS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 123

Telephone, 250.

PARAHYBA

Elixir de CANINANA E

JURUBEBA

FOCULADO E PREPARADO PELO PHARMACEUTICO OVIDIO DUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recenter, dactheros, empingens, sornas, fistular, escrophulas, tumores, adormecimentos dos membros e qualquer molestia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo!

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!...

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL - PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital - Drogaria Pessoa

IONA & C.^A

EXPORTADORES

Compram pelles e couros, de toda especie, sementes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantém grande deposito de linha de coser marca "ESTRELLA"

Têm casas com o mesmo ramo de commercio EM MACIÓ, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NATAL.

Endereço Telegraphico: - DELMIRO

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Praça São Pedro Gonçalves, ns. 75 e 97.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. — Especialidades em chapéus de palha, ultimas novidades, gravatas, camisas, phantasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. — Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiaes: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento de **LOUÇAS E VIDROS**

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades, para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas, collarinhos, meias, camisas e perfumes.

Depositarios dos melhores fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba

LEGITIMOS

Bandoliers Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RATTAGASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro N. 163

“A ELITE”

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA

E

PERFEIÇÃO

|||

ULTIMA MODA

|||

Sob a direcção criteriosa de habéis cortadores italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Finheiro — 176 e 180
PARAHYBA DO NORTE

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

Rua Maciel Finheiro — 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE

Nossos correspondentes no interior

- | | |
|--|--|
| <i>Alagoinha</i> —Francisco G. de Almeida | <i>Mamanguape</i> —Augusto Luna |
| <i>Arara</i> —Anesio Deodonio | <i>Moreno</i> —Leoncio Costa |
| <i>Alagôa Grande</i> —Dr. Agricola Montenegro | <i>Misericordia</i> —José Brunet |
| <i>Areia</i> —Guttemberg Barreio | <i>Pilar</i> —João José Marôja |
| <i>Alagôa Nova</i> —Clodomiro Leal | <i>Pedras de Fôgo</i> —Prof. Manoel J. R. Barros |
| <i>Araruaia</i> —Antonio Carneiro | <i>Pirpirituba</i> —Ildelonso Lucena |
| <i>Alagôa do Monteiro</i> —Nilo Feltosa | <i>Pilões de Dentro</i> —Euclides Cunha |
| <i>Borborema</i> —Luiz Leite | <i>Picuihy</i> —Dr. José Farias |
| <i>Bananéiras</i> —José Fabio | <i>Pombal</i> —João Queiroga |
| <i>Belem de Caiçara</i> —Pedro Gaudiano | <i>Patos</i> —Miguel Satyro |
| <i>Barra de S. Rosa</i> —Manoel de S. Lima | <i>Piancó</i> —José Patente |
| <i>Bonito de Santa Fé</i> —José de A. Cavalcante | <i>Princesa</i> —José Pereira Lima |
| <i>Brejo do Cruz</i> —Dr. João Agrippino Maia | <i>S. Rita</i> —Terencio Ferreira |
| <i>Cabedello</i> —Odilo Polari | <i>Sapé</i> —João Rique Ferreira |
| <i>Caiçara</i> —Carlos Espinola | <i>Serraria</i> —Antonio Rodolpho |
| <i>Campina Grande</i> —Ernani Lauritzen | <i>Soledade</i> —Trajano Nobrega |
| <i>Cabaceiras</i> —Manoel Maracajá | <i>S. João do Cariry</i> —Dr. José Gaudencio |
| <i>Cararábas</i> —Eduardo Ferreira Filho | <i>Sant' Anna do Congo</i> —Amaro T. de Oliveira |
| <i>Conceição</i> —José de Figueiredo Leite | <i>Serra Branca</i> —Antonio Pedro de F. Castro |
| <i>Cajaseiras</i> —Joaquim Mattos Rolim | <i>S. José dos Cordeiros</i> —Anthero T. Junior |
| <i>Camalaú</i> —Pedro Bezerra | <i>S. Luzia do Sabugy</i> —Manuel Emiliano |
| <i>Catolé do Rocha</i> —Octavio de Sá Leitão | <i>S. José de Piranhas</i> —Dr. José Saldanha |
| <i>Espirito Santo</i> —Dr. Arthur Urano | <i>Souza</i> —Francisco Benevides |
| <i>Esperança</i> —Professor Joaquim Costa | <i>S. João do Rio do Peixe</i> —Dr. Accacio Coêlho |
| <i>Guarubira</i> —Acad. Agrippino Nobrega | <i>S. Bento</i> —Godofredo Maia |
| <i>Ingá</i> —Dr. Belino Souto | <i>Taperoá</i> —Dr. Genezio Lustosa Cabral |
| <i>Itabayana</i> —Antonio Coutinho | <i>Teixeira</i> —Professor Antão Ribeiro |
| <i>Jericó</i> —Theodomiro Dantas | <i>Tacima</i> —Francisco Meirelles |
| | <i>Umbuzeiro</i> —Dr. Carlos Pessôa |